

## MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistência indígena no Sertão de Dentro

Maria Clizalda Vitório<sup>1</sup>  
Sebastião Alves Teixeira Lopes<sup>2</sup>

### RESUMO

O romance *Mandu Ladino*, de Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco, apresenta, de forma ficcional, uma releitura da história do indígena Mandu Ladino, personagem real que viveu no final do século XVII e início do XVIII e que se tornou símbolo da resistência indígena contra o processo de conquista impetrado pelo colonizador português em solo piauiense. Este artigo tem por objetivo examinar a história de resistência dos povos indígenas através da leitura do romance *Mandu Ladino* de Castelo Branco. Fundamentam teoricamente a pesquisa os estudos de Chaves (1994), Carvalho (2012), Hall (2002), Silva (1991), Spivak (2010), Valdés (2012) dentre outros. Em forma de considerações finais, ressalta-se a importância dos povos indígenas para a formação social e identitária do Piauí. Aponta-se também que Castelo Branco, de certa forma, se alinha a uma visão idealizada das narrativas indigenistas românticas criando, através do enlace amoroso entre a indígena Aluhy, irmã de mandu Ladino, e Miguel, filho do branco conquistador, a falsa ideia de um passado harmônico e glorioso. Ressalta-se, por fim, que, a resistência indígena face a um processo de conquista avassalador que dizimou com vários povos originais do Sertão de Dentro.

**Palavras-chave:** Afrísio Neto Lobão Castelo Branco; *Mandu Ladino*; Resistência indígena; Piauí.

## MANDU LADINO, FROM CASTELO BRANCO: Indigenous resistance in the Sertão de Dentro

### ABSTRACT

The novel *Mandu Ladino*, by Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco, presents, in a fictional way, a reinterpretation of the story of the indigenous Mandu Ladino, a real character who lived in the late 17th and early 18th centuries and who became a symbol of indigenous resistance against the process of conquest brought by the Portuguese colonizer on Piauí soil. This article aims to examine the history of resistance of indigenous peoples through the reading of the novel *Mandu Ladino* de Castelo Branco. The research is theoretically based on studies by Chaves (1994), Carvalho (2012), Hall (2002), Silva (1991), Spivak (2010), Valdés (2012) among others. In the form of final considerations, the importance of indigenous peoples for the social and identity formation of Piauí is highlighted. It is also pointed out that Castelo Branco, in a way, aligns with an idealized vision of romantic indigenous narratives, creating, through the love affair between the indigenous Aluhy, sister

<sup>1</sup> Professora da rede pública estadual (SEDUC) e municipal (SEMEC) de Teresina. Mestre em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2016. Email: clizaldavitorio@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor em Letras, Área de Concentração: Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, pela Universidade de São Paulo (USP), em 2002, com Pós-Doutorado pela Universidade de Winnipeg (2007) e Universidade de Londres/South Oriental and African Studies (2014). Email: slopes10@uol.com.br

of Mandu Ladino, and Miguel, son of the white conqueror, the false idea of a harmonious and glorious past. Finally, it is noteworthy that the indigenous resistance in the face of an overwhelming process of conquest that decimated several original peoples from the Sertão de Dentro.

**Keywords:** Afrísio Neto Lobão Castelo Branco; Mandu Ladino; Indigenous resistance; Piauí.

### **MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistencia indígena em el Sertão de Dentro**

#### **RESUMEN**

La novela Mandu Ladino, de Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco, presenta, de manera ficticia, una reinterpretación de la historia del indígena Mandu Ladino, un personaje real que vivió a finales del siglo XVII y principios del XVIII y que se convirtió en símbolo de la resistencia indígena contra el proceso de conquista llevado a cabo por el colonizador portugués en suelo Piauí. Este artículo tiene como objetivo examinar la historia de la resistencia de los pueblos indígenas a través de la lectura de la novela Mandu Ladino de Castelo Branco. La investigación se basa teóricamente en estudios de Chaves (1994), Carvalho (2012), Hall (2002), Silva (1991), Spivak (2010), Valdés (2012) entre otros. En forma de consideraciones finales, se destaca la importancia de los pueblos indígenas para la formación social e identitaria de Piauí. También se señala que Castelo Branco, en cierto modo, se alinea con una visión idealizada de las narrativas románticas indígenas, creando, a través de la historia de amor entre la indígena Aluhy, hermana de Mandu Ladino, y Miguel, hijo del conquistador blanco, el falso. idea de un pasado armonioso y glorioso. Finalmente, es de destacar que la resistencia indígena ante un contundente proceso de conquista que diezmó a varios pueblos originarios del Sertão de Dentro.

**Palabras clave:** Afrísio Neto Lobão Castelo Branco; Mandu Ladino; Resistencia indígena; Piauí.

#### **INTRODUÇÃO**

O romance *Mandu Ladino*, de que trata esse estudo, foi produzida pelo autor piauiense Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco. O escritor nasceu em 1944, em Teresina, Piauí, e formou-se em Medicina. Fez Pós-Graduação em Psiquiatria, dirigiu o Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu, foi professor e, posteriormente, Reitor da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Escreveu vários trabalhos em sua área de atuação médica. Em 1983, lançou a obra *Manual de Psicologia Médica* e, em 2006, publicou o seu primeiro livro de ficção, o romance *Mandu Ladino*.

*Mandu Ladino* é uma narrativa produzida por um não-índio, isto é, foi escrita por um autor branco. Dessa maneira, o romance não pode ser visto como uma expressão da voz do

## **MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistência indígena no Sertão de Dentro**

indígena do Piauí, mas como um agenciamento por parte do intelectual de “querer falar pelo subalterno”<sup>3</sup>. Apesar dessa peculiaridade, a narrativa coloca em evidência a figura desses povos subalternizados, simbolizados pela figura de Mandu Ladino, evidenciando a luta aguerrida dos indígenas piauienses para resistir à colonização portuguesa durante o final do século XVII e início do século XVIII.

Embora o romance ainda seja pouco conhecido, a narrativa de Castelo Branco coloca em relevo parte da história do Piauí que poucos brasileiros conhecem, principalmente no que diz respeito à resistência de povos indígenas ao processo de conquista colonial.

*Mandu Ladino* surge em um momento no qual o tema da identidade recheia as discussões nas academias<sup>4</sup>. De acordo com o pesquisador chileno, “as posições identitárias voltaram a se tornar hegemônicas, como era previsível, no pensamento latino-americano nos anos 1990”. Assim, na virada do século XX, o tema da identidade foi transformado num dos pontos fundamentais da reflexão crítica das Ciências Humanas e Sociais.

Desse modo, assuntos como a condição dos povos indígenas, andinos, caribenhos, amazônicos, não puderam ser abordados no pensamento latino-americano dos anos 2000 sem levar em conta a questão da identidade. Esse tema também foi debatido a partir da relação entre globalização e nação, especialmente, quando se tratava da identidade nacional. Nesse debate, a obra *Comunidades imaginadas*, de Benedict Anderson, foi de grande referência.

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. [...] As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com o passado e imagens que dela são construídas.<sup>5</sup>

No Brasil, o contexto da Independência fomentou nos brasileiros o desejo de se criar uma cultura nacional, a partir do resgate de uma identidade nacional. “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no

---

<sup>3</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

<sup>4</sup> VALDÉS, Eduardo Devés. **O pensamento latinoamericano na virada do século**: Temas e figuras mais relevantes. Tradução Gilmar Antonio Bedin. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012

<sup>5</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

interior da representação.” Assim, os habitantes do Brasil, naquele dado momento histórico, se viam identificados com a nação não somente por serem cidadãos pertencentes a essa nação, mas por participarem da ideia de nação como representação de sua cultura nacional.

Para melhor explicar o que viria a ser uma identidade nacional, recorre a Benedict Anderson, trazendo o conceito de “identidade nacional como uma comunidade imaginada”. O teórico jamaicano observa a identidade nacional como sendo um sistema de representação da cultura, isso equivale a entendê-la como um conjunto de significados que são trazidos por meio de histórias, imagens, e memórias que estabelecem relações do presente com o passado.

Dessa maneira, os românticos do século XIX buscaram algumas estratégias representacionais com o intuito de fomentar nosso senso de pertencimento a uma nação recém independente e reforçar a ideia de uma identidade nacional. Uma das estratégias de que os românticos se utilizaram foi justamente a criação de uma narrativa da nação, “essas [narrativas] fornecem uma série de histórias, imagens, [...] eventos históricos, [...] que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação”.

O contexto do final do século XX favoreceu uma série de questionamentos de povos que, ao longo de 500 anos, foram duramente massacrados pelos colonizadores brancos. Negros, indígenas, asiáticos, mulheres e outras minorias foram colocados à margem pelas culturas eurocêntricas. Esses grupos passaram a combater a posição de subalternidade e reivindicar suas posições de sujeitos na história.

Assim, *Mandu Ladino*, de Castelo Branco, surge nesse contexto em que o povo piauiense também busca por suas origens para tentar se autoafirmar perante o cenário nacional como um povo de cultura, como um povo de história. Nessa procura por referenciais, esbarramos na figura do indígena, representada pela personagem Mandu Ladino que, na ficção de Castelo Branco, tornou-se um dos parâmetros para a estruturação da matriz identitária piauiense, em atitude que lembra, em algum aspecto, a prosa indianista romântica. Neste empenho, o autor de *Mandu Ladino* produziu uma literatura voltada para o passado histórico do Piauí, a fim de demonstrar a mesma dignidade histórica dos demais brasileiros e, com isso, parecer pertencer a uma filiação de tradição admirável. Estamos de volta ao mito da nobreza indígena, que poderia eximir o “estigma da inferioridade do povo piauiense”.

## **MANDU LADINO, ENTRE O DISCURSO HISTÓRICO E A NARRATIVA FICCIONAL**

## MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistência indígena no Sertão de Dentro

*Mandu Ladino*, de Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco, caracteriza-se como romance histórico. Uma obra para ser considerada como histórica, normalmente, apresenta uma revolução, uma guerra no centro da narrativa. Segundo o pesquisador, é preciso que haja um grande evento histórico que faça a intercessão entre seus tempos individuais simultâneos e o tempo histórico do mundo público<sup>6</sup>.

Nesse sentido, acreditamos que *Mandu Ladino* possa ser lido como um romance histórico, uma vez que traz para o centro da narrativa eventos do processo de colonização do Piauí. Ao lermos o romance de Castelo Branco, percebemos que esse resulta de minuciosas pesquisas sobre a recuperação de fatos e personagens do passado, aproximando tarefa do autor ficcional à do historiador. Suas interpretações, contudo, são diferenciadas, aliando fontes históricas ao olhar subjetivo do romancista.

O romance é ambientado no último quarto do século XVII e início do XVIII, período em que os bandeirantes e pecuaristas vindos de São Paulo, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Ceará iniciaram o processo de povoamento em solo piauiense. O autor baseou sua narrativa nos acontecimentos e fatos históricos disponíveis na historiografia que trazem o registro desses eventos da colonização no estado. É evidente que o narrador de *Mandu Ladino* não terá o mesmo compromisso que o historiador; ao contrário, seu empenho maior será com a arte literária. Por isso, muitos personagens ora pertencem aos eventos históricos ora pertencem tão somente à ficção.

O romance narra a saga do indígena Manuel que, segundo a historiografia oficial, de fato existiu. Segundo a narrativa, o nome teria sido dado por padres capuchinhos que viviam no Boqueirão dos Cariris, “aldeamento indígena situado [...] no extremo oeste da Província da Parahyba”<sup>7</sup>. Como muitos Manuéis tornam-se Mandus em língua portuguesa, é por esse nome que o personagem ficará conhecido. Teve a alcunha Ladino acrescida ao nome, graças ao seu comportamento ardiloso, segundo os padres desse aldeamento. Trata-se de um apelido pejorativo imposto ao indígena pelos missionários. Assim, Manuel virou Mandu Ladino, personagem que se tornou um dos símbolos da resistência indígena contra o processo de conquista do colonizador português em solo piauiense.

---

<sup>6</sup> JAMESON, Frederic. **O romance histórico ainda é possível?** Tradução de Hugo Mader. Novos Estudos, São Paulo: CEBRAP, n. 77, mar. 2007

<sup>7</sup> CASTELO BRANCO, Anfrísio Neto Lobão. **Mandu Ladino**. Teresina, [s.n.], 2006

A narrativa *Mandu Ladino* inicia-se com a matança dos Abelhas, aldeia a que pertencia Mandu Ladino. Sobre esse grupo: “Os Abelhas [...] faziam parte dos Alongares, índios tapuias, nativos que se distinguiam pelo tom de pele avermelhado e que habitavam aquela região de campos planos”. Não sabemos se a tribo dos Abelhas existiu realmente. Pode ou não ser uma denominação ficcional criada pelo autor. Os Alongares ou Alongazes, contudo, existiram, uma vez que é possível encontrar em diversos historiadores o registro sobre a existência desses indígenas. Padre Miguel de Carvalho, em relatório destinado ao Bispo de Pernambuco, prestando conta sobre suas viagens pelo Sertão de Dentro ou Sertão de Rodelas, nome pelo qual o Piauí era conhecido, nos anos de 1694 a 1697, escreve em sua descrição sobre os índios Alongazes:

A terra dos Alongazes está por detrás destes riachos, correndo para a Serra da Guapava [Ibiapaba], para a qual fugiram os Tapuias chamados também de Alongaz, que nela moravam, e, de presente, a tem os brancos povoada com algumas fazendas de gados [...]<sup>8</sup>.

No documento acima, escrito no final do século XVII, relatório que foi resultado das andanças de Padre Miguel de Carvalho pelas terras do Piauí, é possível perceber o registro de que os Alongazes viviam próximo aos riachos que corriam para a Serra da Guapava (Ibiapaba ou Serra Grande), divisa do Piauí com o Ceará. O religioso também ressalta sobre a fertilidade das terras que antes pertenciam a esses indígenas. Observa ainda que esses povos também já estavam sendo expulsos de seus territórios e que os fazendeiros da região já haviam pilhado parte desses territórios naquele período, por isso procuraram se refugiar nessa serra.

Conforme a narrativa, a aldeia de Mandu Ladino era composta por 46 indígenas que foram totalmente arrasados pelo fazendeiro Bernardo Aguiar, português vindo de Lisboa para fazer fortuna aqui no Brasil. Ainda conforme o romance de Castelo Branco, Bernardo era viúvo e tinha dois filhos, Antonio, o mais velho, e Miguel, o mais moço. Com relação à informação sobre os filhos de Bernardo Aguiar, os registros historiográficos são diferentes da ficção, pois, conforme a biografia intitulada *Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara*, do também poeta Elmar Carvalho<sup>9</sup>, esse fazendeiro teria tido dois filhos, uma do sexo feminino, chamada Antonia, e um do sexo masculino, chamado Miguel.

<sup>8</sup> CARVALHO, Miguel de. **Descrição do sertão do Piauí**. 2. Ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.

<sup>9</sup> CARVALHO, Elmar. **Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara**. 2. ed. Teresina [ s. n ], 2012.

## MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistência indígena no Sertão de Dentro

Ainda de acordo com a biografia de Carvalho, Bernardo Aguiar seria o responsável pela fundação de várias vilas e cidades, tais como Campo Maior, São Miguel do Tapuio e São Bernardo, no Maranhão. É também considerado o idealizador de Caxias. Para caracterizar melhor esse fazendeiro, trouxemos as palavras de Reginaldo Miranda da Silva<sup>10</sup>, citadas na apresentação do livro do poeta Elmar Carvalho:

Entre esses pioneiros destaca-se a figura inconfundível de Bernardo de Carvalho e Aguiar, fundador da fazenda Bitorocara, que deu origem à aprazível cidade de Campo Maior, hoje uma das mais prósperas comunas piauienses. Na defesa da terra destacou-se esse conquistador, tornando-se legendário o seu esforço como Mestre de Campo das Conquistas do Piauí e Maranhão, pacificando diversas nações indígenas. É figura de primeira grandeza do período colonial, enchendo uma página importante da história piauiense.

Ao analisarmos tal caracterização, chama-nos a atenção as excessivas expressões qualificativas atribuídas à personagem histórica de Bernardo Aguiar: *inconfundível, conquistador, legendário, pacificando nações indígenas, figura de primeira grandeza, página importante da história*. Que Bernardo Aguiar foi um dos primeiros conquistadores da região, originando algumas cidades, isso é inegável. O questionamento que fazemos é: a que custo isso aconteceu? Ou usaremos a lógica maquiavélica de que *os fins justificam os meios*? O inusitado é que o escritor referido é também autor de livros que versam sobre a matança de indígenas no Piauí. Sendo assim, tal apologia é, a nosso ver, um tanto descomedida para ser imputada a um fazendeiro que vivia a perseguir, a matar e a escravizar indígenas no Piauí por razões mais egoísticas do que cívicas. Afinal, essas ações eram promovidas por seu interesse pela posse da terra.

Ao tornar-se Mestre de Campo, Bernardo de Carvalho passou a representar não só os seus próprios interesses, mas o de todos os outros fazendeiros daquela região e do próprio governo local. Nesse sentido, *pacificar nações indígenas* significava rendê-las aos colonizadores, permitir que suas terras fossem pilhadas e obrigar os sobreviventes a viverem em aldeamentos para que fossem domesticados pela Igreja e/ou escravizados. Contrariando

---

<sup>10</sup> SILVA, Reginaldo Miranda da. O fundador de Bitorocara. In: CARVALHO, Elmar. **Bernardo de Carvalho, o fundador de Bitorocara**. 2. ed. Teresina [ s. n], 2012.

o ponto de vista de Carvalho, Silva afirma que Bernardo Aguiar era conhecido como “um dos mais famosos exterminadores de tribos do Nordeste”<sup>11</sup>.

Levando em consideração que a história foi construída pelos vencedores, urge que nossa história seja revista, pois, embora Bernardo Aguiar não tenha realizado carnificina igual à praticada por João do Rego Castelo Branco, a própria historiografia oficial confirma a devassa iniciada por esse Mestre de Campo a diversas tribos desse solo. Por isso, não vemos mais sentido, nos dias de hoje, alguns intelectuais como Reginaldo Miranda Silva e Elmar Carvalho exaltarem os feitos de um *matador de índios*. Na referida biografia, vemos a seguinte justificativa do poeta Elmar Carvalho logo no início do livro:

Não adianta tentarmos escamotear o passado, que não o mudaremos. A qualquer momento a verdade surgirá ou ressurgirá das brumas do esquecimento. De nada adianta, como almejou o velho bardo Manuel Bandeira, nos angustiarmos sobre o ‘que podia ter sido e que não foi’. Somos o que somos; somos o amálgama de três raças, e a nossa civilização é o cadinho do que elas construíram ao longo dos séculos. Os paulistas não escondem a saga épica das bandeiras. Antes, rasgaram avenidas e ergueram monumentos em homenagem aos bandeirantes. Com orgulho, se denominam ‘nós, os bandeirantes’, como ouvi um deles dizer, no alto do Terraço Itália, quando, em nome da Fundação Cultural Monsenhor Chaves, fui receber o Prêmio Clio, outorgado pela Academia Paulistana de História a essa entidade, pela publicação da monumental obra Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, também atribuído ao seu autor Cláudio Bastos.

Infelizmente, a ideia de que somos o amálgama de três raças só serve como fundo poético àqueles que não foram fruto de estupros ou que séculos a fio vêm sendo postos à margem da sociedade, desalojados de sua própria história. Outrossim, a despeito do bardo pernambucano, vale a pena nos angustiarmos com o que já poderia ter sido e ainda não foi. Vale a pena, portanto, estudarmos o passado, não com o intuito de modificá-lo, mas com o propósito de ressignificá-lo, dando voz a quem ainda hoje tem sido impedido de falar.

De acordo com a narrativa de Castelo Branco, o fazendeiro Bernardo Aguiar arrasou a aldeia de Mandu Ladino, dos 46 integrantes, somente o indiozinho Mandu Ladino e a sua irmã Aluhy, uma indiazinha de dez anos, sobreviveram. A menina ficou na fazenda de Bernardo Aguiar para ser domesticada. Ia ter dupla serventia na fazenda: ajudar nos trabalhos domésticos e, futuramente, “aliviar os homens brancos e negros, que estavam

---

<sup>11</sup> SILVA, Josias Clarence Carneiro da. **Abelheiras**: o último reduto da Casa da Torre do Piauí. Teresina: Gráfica e Editora Júnior LTDA, 1991.

## **MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistência indígena no Sertão de Dentro**

nessas brenhas, com precisão de mulher”. Mandu Ladino foi enviado para um aldeamento chamado Boqueirão dos Cariris, extremo oeste da Província da Parahyba.

Aluhy cresceu e, aos quinze anos, apaixonou-se por seu conquistador, Miguel, filho de Bernardo Aguiar, um dos participantes do massacre da aldeia dos Alongares. Na obra, o filho do fazendeiro também se afeiçãoou à índia e os dois terão que enfrentar o preconceito da família para poderem vivenciar essa relação. Desse amor, nasce uma filha de nome Mariah, “um tipo exótico de mistura das duas raças; tinha os olhos puxados da mãe e a pele alva e os cabelos ruivos do pai”.

Aluhy aprendeu a conviver com os seus senhores e até se apaixonou por Miguel, um dos participantes do massacre de sua aldeia. Aluhy é representada como uma típica personagem romântica, própria das obras alencarianas, pois, em dado momento, vê-se dividida entre o amor ao opressor e o amor fraterno a Mandu Ladino, defensor dos costumes e valores de sua gente. A jovem Aluhy reproduz, em muitos momentos, os mesmos dilemas que a índia Iracema, personagem de José de Alencar, vivia: “[...] Aluhy sente-se dividida, sua alma um redemoinho de sentimentos confusos. [...] Se por um lado, deve considerações a Miguel com quem vive há um bom número de anos, por outro, o seu sangue nativo clama por lealdade a Mandu”.

Assim como Alencar<sup>12</sup> pretendeu representar a lenda da formação do povo brasileiro, evitando dar relevância à questão do choque entre o colonizador e o indígena, Castelo Branco, com as personagens Aluhy e Miguel, também aborda uma visão idealizada desse encontro, criando a falsa ideia de um passado harmônico e glorioso para o povo piauiense. Embora Castelo Branco já traga alguns elementos de caracteres pós-coloniais, como deixa entrever em alguns trechos, ainda prevalece a clássica visão romântica sobre a conquista, que lembra, em muitos aspectos, o bom selvagem das obras indianistas do Romantismo Brasileiro.

O indiozinho Mandu viveu dos seis aos quatorze anos no aldeamento do Boqueirão dos Cariris, na região oeste da então Parahyba. Lá aprendeu noções de português, rudimentos de espanhol e os costumes dos brancos, sendo que tais conhecimentos lhe foram úteis para conhecer melhor o inimigo em suas fragilidades. No aldeamento, o indígena viu seus costumes e suas crenças serem completamente desrespeitados: ateavam fogo nas imagens e símbolos sagrados cultivados pelos indígenas e os obrigavam a presenciar tais atos. Como

---

<sup>12</sup> ALENCAR, José. **Iracema**: lendas do Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997

vingança, Mandu e uma dezena de indígenas atearam fogo na igreja e em todos os santos. Depois desse episódio, decidiu fugir com os amigos Cariris para as terras do Longá, no Piauí, em busca de algum antepassado.

Ao chegar ao solo piauiense, Mandu Ladino e seus amigos Cariris encontraram os Aranís, aldeia dos Kumiarés. O líder da aldeia, cacique Xerém, permitiu que o grupo permanecesse apenas por dez dias, pois tinha medo de que os brancos viessem no encalço deles. Foi nessa tribo que ele pode conhecer melhor os costumes indígenas e a história de massacre de sua aldeia, a dos Abelhas. Timbó, um dos amigos de Mandu Ladino, resolve ficar na aldeia, pois decidiu se casar com a filha do cacique Xerém. Terminado o prazo, Mandu Ladino e os amigos foram embora em busca de um lugar para ficar. Durante a jornada, foram aprisionados por predadores de índios e Mandu Ladino vendido como escravo para trabalhar na fazenda Alegrete. Quinze dias depois de ter chegado ao local, tentou fugir e, por isso, foi duramente castigado, deixando-lhes marcas não somente no corpo, mas, sobretudo, na alma.

Quando o relho zuniu no ar e bateu nas costas nuas, o corpo todo [de Mandu] estremeceu e contraiu-se [...]. A dor foi lancinante mas de sua boca não se ouviu nem um gemido. Seguiu-se uma segunda lanhada que lhe pegou mais acima, na altura dos pulmões. Ficou difícil respirar; veio a terceira e a quarta, uma atrás da outra, uma em cima da outra; a quinta e a sexta, perdeu a conta e o pior que não o deixavam tomar fôlego. Depois de umas vinte chibatadas pararam; [...]. Tentou respirar fundo, encher os pulmões de ar, mas o peito não obedeceu; Mas criou alma nova pensando que eles tinham acabado. Engano seu, a chibata apenas mudara de mão, [...] porque agora era Mão de Vaca quem batia e este se esmerava para agradar o patrão. Batia e praguejava [...]: \_\_ Hoje eu te esfolo, filho de uma cadela... \_\_ E dava uma lapada \_\_ Tu vai se arrepender do dia em que nasceu, selvagem... traidor...fujão. [...] \_\_ Vou te ensinar a ser gente...desgraçado. [...] \_\_ E não adianta querer bancar o macho não, que eu com esta chibata [...] te faço pedir penico, miserável...[...] ou tu pede ou te arranco os bofes fora...

Depois desse episódio, gerou-se a revolta, a grande revolta de Mandu Ladino. É nesse espaço que ele entenderá a lógica que rege as relações sociais dos brancos, como eles veem os indígenas e a ameaça que esses fazendeiros representavam para os nativos. O curioso é que, além do patrão, quem é encarregado de lhe castigar é Mão de Vaca, mestiço e capataz da fazenda. O mestiço, apesar de ter sido gerado do cruzamento de branco com índia, não se via nativo, preferia identificar-se com a matriz branca, realizava na prática aquilo que

## MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistência indígena no Sertão de Dentro

Fanon<sup>13</sup> sustenta, em sua obra *Pele negra, máscaras brancas*, ao dizer que “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritude, seu mato, mais branco será.” Assim, vemos Mão de Vaca agir com grande crueldade para com o indígena. Os qualificativos “selvagem”, “traidor” e “fujão” utilizados pelo capataz revelam que ele incorporou a ideologia do branco colonizador, odiando os indígenas tanto quanto os povos conquistadores, passando a não considerá-los como gente, como mostra a frase “Vou te ensinar a ser gente... desgraçado”.

Depois dessa surra, Mandu Ladino ficou vários dias convalescendo, a ponto de morrer, porém o indígena tinha muita fibra e vontade de viver, sabia que tinha muito a fazer por seus irmãos de raça, sentia que precisava ganhar confiança dos brancos para pôr em prática seu plano de libertação. Mandu Ladino, então, submeteu-se temporariamente ao colonizador, enquanto aprende a montar a cavalo e a arte do vaquejado.

Numa dessas andanças com o gado, Mandu Ladino encontrou-se com seus amigos do tempo do aldeamento. Eles planejaram vingar-se do carrasco de Mandu Ladino e libertá-lo do cativeiro. Os indígenas conseguiram libertá-lo e matar todos os moradores da casa, o dono da fazenda, o Capitão João Rodrigues, e todos os empregados, só deixaram um homem vivo, Mandu Ladino tinha razões especiais para fazer um *moqué* com esta pessoa, isto é, assá-lo em um ritual antropofágico. Tratava-se do mestiço Mão de Vaca, capataz da fazenda e algoz de Mandu Ladino.

Depois da libertação da fazenda Alegrete, Mandu Ladino se uniu aos Kumiarés, aldeia dos Aranís e, logo em seguida, buscou o apoio de outras tribos para executar seu projeto de expulsar os brancos invasores. Os indígenas tocaram fogo em casas, mataram brancos e negros e libertaram indígenas cativos. Desse modo, o nome Mandu Ladino acabou por virar lenda. Atacou os cavalos da tropa, enquanto os cavaleiros dormiam, deixando-os fragilizados, porque só combatiam montados. Aprendeu a atirar com arma de fogo. Contudo, seu poder bélico era ainda inferior ao dos brancos, foi nesse período que percebeu que, sozinho, com uma única tribo, dificilmente conseguiria vencer o poderio bélico do inimigo, era preciso unir-se a outras nações.

Nos seus planos, para começar, tinham que acabar com essa história de briga dos nativos entre si. O primeiro passo era a união; ultimamente, vivia Mandu matutando sobre a possibilidade de uma grande união indígena,

---

<sup>13</sup> FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008

acreditando-a indispensável para a própria sobrevivência de todos e talvez possível pelas circunstâncias que os aproximava.

\_\_ Índio é tudo igual, \_\_ dizia para si mesmo \_\_ tudo filho da mesma terra, tudo irmão e, fosse de que nação fosse, tinha mais é que se juntar.

Deu início, então, ao processo de “Confederação dos índios Aranis”, liderados por Mandu Ladino. Buscaram unir-se aos Piracurucas, depois aos Acaraús e Itapajés. Também buscaram ajuda dos Tremembés, indígenas que viviam no litoral e região do Delta do Parnaíba, porém estes já haviam debandado. Graças à quantidade e à capacidade de organização dos seguidores de Mandu Ladino, passaram a ser chamados pelos brancos como *índios de corso*, numa clara referência à pirataria. É com essa organização que vão implantar medo nos fazendeiros da região.

Castelo Branco aponta em seu romance algo bem próximo daquilo que os historiadores registram em seus compêndios históricos sobre o levante indígenista. De 1712 para 1713, houve o levante de todos os Tapuias do Norte, sendo liderados pelo indígena Mandu Ladino, que, mobilizando as tribos rebeladas, dividiu-as em guerrilhas e passou a hostilizar os brancos do lado do Maranhão<sup>14</sup>. Isso fez com que o governo despachasse contra os *índios de corso* uma expedição sob o comando do Mestre de Campo Antonio da Cunha Souto Maior.

Ardiloso como era, Manu-Ladino (sic) armou uma cilada aos brancos expedicionários e a executou com admirável precisão. Por intermédios de seus lugares-tenenetes, logo depois de iniciada a luta, conseguiu entrar em negociação com os índios da expedição, sublevando-os. E num dia determinado, os índios rebelados mataram, a traição, o cabo Thomás do Vale e todos os soldados que o acompanhavam. Escapou apenas um para dar a notícia do massacre ao Mestre de campo, que ficara no arraial.

Após esse episódio, os *índios de corso* ficaram mais famosos e cresceram em ousadia em seus assaltos às fazendas e engenhos. “Antes dele [Mandu Ladino], o branco chegava, assentava fazenda, ia nas malocas de perto, tacava fogo, matava, preava, [...] e não tinha essa história de revide, [...] Depois que ele apareceu, é que começou esta revolta nos índios”. Dois anos depois que o herói indígena humilhou o exército de Souto Maior, marcharam contra Mandu Ladino e seus liderados duas expedições, uma vinda do Maranhão, sob o comando de Francisco Cavalcante de Albuquerque, e a outra vinda do Piauí, sob o comando do Mestre

---

<sup>14</sup> CHAVES, Joaquim. **O índio no solo piauiense**. 3. ed. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995

## MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO: Resistência indígena no Sertão de Dentro

de Campo Bernardo de Carvalho Aguiar. “As duas forças fizeram junção no sítio Iguará, do lado Maranhão, e iniciaram a luta esmagando os Aranís.”. Desse confronto, os Aranís foram quase eliminados por completo.

De acordo com Castelo Branco, após esse acontecimento, o restante dos Aranís que sobreviveram foram pedir proteção aos Tabajaras, que moravam na Serra da Ibiapaba, divisa entre o Piauí e o Ceará. Eles foram aceitos na aldeia e selaram o acordo, casando alguns membros das tribos entre si. Mas depois de um ano, o acordo foi rompido e os anfitriões exigiram que os *índios de corso* imediatamente partissem daquele local. Os Tabajaras, que eram aliados dos jesuítas, avisaram aos brancos, dizendo onde estava Mandu Ladino e os seus comandados. Carvalho, em seu relatório, confirma que muitos desses indígenas, procurando fugir dos assaltos dos brancos, esconderam-se na Serra da Ibiapaba, aliando-se aos Tabajaras. O governador do Maranhão recrutou Bernardo Aguiar para liderar duzentos homens que, protegidos por malhas de ferro, estavam imunes às flechas dos indígenas.

Esse confronto com os homens de Bernardo Aguiar quase eliminou por completo os índios de corso. Dessa vez, os indígenas levaram a pior, era uma média de dois brancos para cada indígena. Além disso, os fazendeiros estavam montados com armas de fogo e cotas de malhas nos corpos, imunes às flechas dos nativos. Do lado dos brancos, pouquíssimos morreram e outros ficaram feridos. Mas quase todos os cavalos foram mortos. Dos quase noventa índios de corso, apenas vinte sobreviveram. Esse local onde houve o confronto ou essa grande batalha entre o Mestre de Campo e os indígenas liderados por Mandu Ladino originou o nome do município de Batalha, no Piauí.

\_\_ Como todos já sabem fui ferido em combate e já não posso continuar guerreando; por esse motivo peço baixa do serviço [...] peço que me permita aqui permanecer, pois deste lugar da batalha, a batalha da Valença de São Gonçalo [...] Mandarei buscar minha mulher e meus dois filhos. Neste sítio [...] pretendo assentar morada e erigir não como promessa mas como preito de gratidão, uma capela em sua honra. Bernardo enalteceu o seu capitão, dispensou-o do serviço ativo e lhe garantiu, em nome do governo do Maranhão e levando em conta a sua bravura em combate, uma sesmaria de terras no local. E ele, cumprindo as palavras, em pouco tempo virou fazendeiro, batizou o seu sítio com o nome de Batalha e construiu uma capela consagrada a São Gonçalo. [...] muito depois aí também nasceu uma bonita cidade.

Segundo a narrativa de Castelo Branco, grande parte das cidades edificadas no Piauí surgiram em torno da construção de uma igreja, feita, muitas vezes, à custa dos próprios fazendeiros que por devoção receberam algum livramento ou porque sentiam necessidade

de ritualizar sua fé. Também algumas vilas reivindicavam à Diocese a construção desses templos. Esta, porém, só autorizava a construção de uma igreja quando já havia um número razoável de pessoas em um dado vilarejo. Na narrativa de *Mandu Ladino*, Bernardo Aguiar resolveu construir uma igreja em homenagem ao filho, Antonio, que morreu em combate contra Mandu Ladino. A morte de Antonio ocorreu antes do confronto do Mestre de Campo com os índios de corso. O pai resolveu homenagear o filho Antonio; assim, a igreja recebeu o nome de Santo Antonio do Surubim. Dessa forma, nasce uma nova cidade em torno da construção da igreja, no caso, a cidade de Campo Maior, que tem como padroeiro Santo Antonio.

Agora passada a comoção inicial, Bernardo assumia de vontade própria duas missões: uma era a construção da igreja, bem no meio do campo, o maior e mais bonito de quantos havia, no local mesmo em que o filho foi morto. Por causa do rio Surubim, logo em frente, a chamaria de Igreja de Santo Antonio do Surubim. E nela, debaixo do altar, depositaria os restos mortais de Antônio, que ficaria em jazigo ali para sempre. [...] A outra missão, que Bernardo tomava para si naquele momento, dizia respeito à vingança pela morte de Antônio. [...] Dali em diante seria só este o sentido de sua vida: perseguir e matar Mandu Ladino.

Ao cabo de um ano, depois da morte de Antonio e da construção da igreja em homenagem ao filho, Bernardo tratou de perseguir o seu segundo sentido na vida: matar Mandu Ladino. Depois de alguns meses do confronto, o herói foi alcançado e travou-se uma guerra. Mandu Ladino e seis indígenas que vinham em uma balsa foram alcançados, quando atravessavam o rio Parnaíba numa das ilhas do Delta. A intenção do líder indigenista era atravessar para o lado do Maranhão e pedir a ajuda aos Timbiras para irem para as terras do Oeste, posteriormente chamada de Amazônia. Mas, infelizmente, Mandu Ladino não deu sorte, pois Bernardo Aguiar e seus homens abriram fogo contra ele e seus amigos que vinham na balsa. Os corpos foram caindo um a um e as águas se tingindo de sangue. Quem deu o tiro que primeiro teria abatido Mandu Ladino foi Manoel Peres, um soldado mestiço de indígena que servia na milícia do Maranhão. Bernardo Aguiar e Manoel Peres entraram para a historiografia oficial como heróis do Estado. Curiosamente, no romance, foi o comando de Bernardo Aguiar que exterminou também a tribo de Mandu Ladino na infância e, posteriormente, arrasou os índios de corso.

Castelo Branco traz, separado dos demais capítulos, o epílogo do romance. Nele, faz um resumo dos principais fatos que se sucederam com os personagens. Bernardo Aguiar recebeu, como prêmio do governo por matar Mandu Ladino, uma sesmaria à margem do

Humana Res, v. 1, n. 4, 2021, . ISSN: 2675-3901 p. 05 a 20, jan. a ago. 2021

**MANDU LADINO, DE CASTELO BRANCO:  
Resistência indígena no Sertão de Dentro**

Parnaíba, dez léguas antes da foz, pelo lado do Maranhão. Nesse lugar, instalou uma fazenda, que chamou de São Bernardo e, que, tempos depois, originaria a cidade de mesmo nome. Desgostoso com a morte de Antonio e o afastamento do filho Miguel, nunca mais voltou para as terras da Bitorocara. Deixou um testamento que reconhecia como herdeira a neta Mariah, filha de Aluhy e Miguel. Aluhy viveu muito feliz ao lado de Miguel, mas morreu de parto, aos trinta e seis anos, de um garoto que também não sobreviveu. Miguel não resistiu à morte da esposa amada, perdeu o gosto pela vida, tornando-se recolhido à sua casa e poucos anos após vem a falecer. Mariah foi mandada para estudar num internato de freiras em São Luis. Aos vinte e dois anos, casou-se com um português e com ele teve oito filhos e uma filha. Eles se tornaram fazendeiros pelas terras do Piagothy. Um de seus netos chegou ao posto de Governador da recém-criada Capitania de São José do Piagothy.

O destino dos índios de corso acabou se tornando muito incerto. Na versão da historiografia oficial, eles teriam sido aniquilados nas batalhas ocorridas entre Mandu Ladino e Bernardo Aguiar. Contudo, Segundo Castelo Branco, ainda restaram uma dúzia de guerreiros, cerca de sessenta mulheres e trinta crianças. Para onde eles teriam fugido? No romance, o autor faz referência a uma lenda existente em uma tribo da Amazônia, que vivia às margens de um córrego de nome Cumari, um grupo de indígenas que se autointitulava de índios Dikosso. Segundo esses povos, em tempos muitos antigos, vieram do leste das terras do sol nascente e das grandes campinas das margens de um rio chamado Alongá, fugiam de uma grande batalha contra os brancos e que seu cacique se chamava Mandu Ladino. “Tudo isso eles contam e recontam, e afirmam ser esta a mais pura verdade. [...] o curioso é que haja tanta coincidência com fatos e nomes do Piagothy. Talvez que não seja mesmo uma lenda.”

A morte de Mandu Ladino não findou o sonho de um povo que se queria livre e soberano. Os confrontos entre brancos e indígenas prolongam-se ainda até final do século XVIII, época em que surge a figura de João do Rego Castelo Branco, que amplia o massacre e a espoliação dos verdadeiros donos dessas terras, os indígenas.

Por fim, acreditamos que o estudo sobre romance de Castelo Branco poderá favorecer a reflexão sobre os feitos do vulto histórico Mandu Ladino, bem como desvelar os diversos embates de resistência empreendidos pelos nativos contra o colonizador para defender a terra, a cultura e os costumes de seus ancestrais. Embora esses eventos tenham sido grandiosos e importantes, a historiografia oficial do estado fez questão de esquecer, o que provocou um duro golpe em nossa formação etnorracial. Nessa procura por parâmetros,

esbarramos na figura do indígena, representada pela personagem Mandu Ladino que, na ficção de Castelo Branco, tornou-se referencial para a estruturação da matriz identitária piauiense, numa atitude que lembra, em muito aspecto, a literatura indianista romântica.